

## QUAL O MUNDO EM QUE A DISCIPLINA DE PROJETO DE VIDA ESTÁ INSERIDA?

Akyla Alexandre Tavares Vicente Pessoa da Silva <sup>1</sup>

### INTRODUÇÃO

Esse trabalho é o resultado da minha monografia do curso de Ciências Sociais. Neste, foi realizado um diagnóstico sobre o mundo em que a disciplina Projeto de Vida está inserida, pois considero isso importante para contextualizar as aulas de Projeto de Vida através da perspectiva sociológica da Modernidade Líquida (BAUMAN, 2001). Portanto, faço uma tentativa de discorrer sobre uma análise da nossa sociedade contemporânea, tomando Bauman (2001); Sennett (2005) e Harari (2018) como referencial para que a partir disso eu possa alcançar meu objetivo: compreender se a proposta da disciplina de Projeto de Vida contempla um diálogo com as demandas sociais atuais, inclusive, no mundo do trabalho. Além disso, utilizei da imaginação sociológica para trazer à tona que as particularidades da minha família, na verdade, são questões que fazem parte de um todo social. Portanto, tentei exercitar isso para ajudar o leitor, na reflexão sobre as mudanças ocorridas no mundo, principalmente, no mundo do trabalho.

Dessa forma, posso começar essa introdução afirmando que o aluno que tiver aula de Projeto de Vida a partir de 2022 com base na reforma do novo Ensino Médio precisa ser estimulado a pensar que o mundo no qual ele está inserido já não possui as mesmas características do mundo de seu avô ou até mesmo de seu pai. No mundo atual, por exemplo, não existe mais idade para formação. Hoje, fala-se que o processo de formação é permanente. Os teóricos apontam que uma característica desejada perante o novo mundo é a busca da capacidade de aprendizado contínuo (HARARI, 2018). Isto é, a formação do aluno não termina na conclusão da faculdade ou de um curso específico, pelo contrário, ela continua depois da faculdade ou de um curso realizado (CORTELLA, 2014). O indivíduo, atualmente, precisa buscar desenvolver a sua formação o tempo todo, pois o mundo comunica e pede isso, é uma nova demanda. Isso é interessante ressaltar porque meu pai, ainda que pertença a outro

<sup>1</sup> Graduado em Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pernambuco. Mestrando em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco. [akylatavares@hotmail.com](mailto:akylatavares@hotmail.com)

contexto social, chegou a ser atingido pela lógica da formação continuada. Todavia, na escola, ele não foi instruído sobre isso.

Dessa forma, meu pai foi estimulado a fazer um curso em que ele levaria o aprendizado deste pelo resto da vida. Papai foi educado sob a perspectiva de que o conhecimento era duradouro. Uma vez aprendido esse conhecimento, valeria para sempre. Hoje, fazer um curso específico tem validade, pois logo surgirá uma nova técnica, um novo modelo que exigirá um novo curso e assim por diante. O conhecimento, portanto, nos dias de hoje tem validade, por isso a necessidade de aprender o tempo todo. Bauman, já anunciava sobre isso no Mundo Líquido em entrevistas:

Este é o primeiro desafio que a pedagogia devem enfrentar, ou seja, um tipo de conhecimento pronto para utilização imediata e, sucessivamente, para sua imediata eliminação, como aquele oferecido pelos programas de software (atualizados cada vez mais rapidamente e, portanto, substituídos), que se mostra muito mais atraente do que aquele proposto por uma educação sólida e estruturada (PORCHEDDU, 2009, p. 663).

Meu pai, Alexandre Tavares, minha mãe, Roberta Pessôa, tia, Poliana Tavares, fizeram curso de datilografia com o objetivo de se prepararem para o mercado de trabalho, eles visavam um futuro profissional exitoso. É importante destacar que o uso da máquina de datilografar era atrelado ao que havia de mais avançado na época. Entretanto, essa habilidade, hoje, se tornou obsoleta. Quem tem diploma de curso de datilografia, no mundo atual, pertence a outro contexto social.

Meus familiares, dessa forma, tiveram que se adaptar às novas demandas do mercado de trabalho para continuarem empregados, pois a datilografia tivera sido datada. E mais do que isso: a expectativa de trabalhar pelo resto da vida com a máquina de datilografar foi quebrada. Logo, esse referencial que servia para que meus familiares criassem expectativa sobre o futuro foi, aparentemente, destruído.

Além da capacidade de aprendizado contínuo ser uma necessidade atualmente, é possível extrair um outro elemento do exemplo citado: a existência de referenciais que serviam de guia para os mais jovens e que hoje estão escassos. Meu pai, minha mãe e minha tia, além de serem preparados para um conhecimento proposto por uma educação sólida, também tiveram referenciais sobre o que fazer. Exemplo disso: o estímulo a fazerem curso de datilografia.

Entretanto, hoje, quais são os cursos que os jovens podem fazer para se preparar para um futuro profissional de sucesso, ainda que o diploma desse curso se torne obsoleto no futuro? Se a pergunta não ficou clara, o que estou questionando é: ainda que datilografar seja



uma habilidade que não tenha sentido, hoje, ela serviu durante um certo período como referencial para os jovens. No entanto, qual é o nosso referencial, hoje? Qual a nossa aposta sobre o desenvolvimento de habilidades para o futuro? Essas perguntas, caro leitor, não me parecem ser tão simples de serem respondidas.

Vale salientar que nós nos acostumamos, tradicionalmente, a pensar em metas a longo prazo, objetivo de vida, tempo de formação específica, estabilidade profissional, plano de carreira e entre outras coisas. Trabalhamos até hoje com a ideia de vocação profissional, na perspectiva de que o indivíduo se comprometa enquanto estiver vivo com a profissão escolhida. Isso é um exemplo claro de fidelidade para com as escolhas. Por causa disso, talvez, essa fidelidade venha acompanhada da promessa de que a recompensa é a contrapartida. Meu pai, por exemplo, foi instruído a fazer o curso de datilografia para que ele pudesse se inserir mais rapidamente no mercado de trabalho e ganhasse mais pela formação que ele possuía.

De maneira geral, meu avô, meu pai e eu fomos educados sob uma perspectiva de que plantando agora poderemos colher os frutos futuramente. Por conta disso, suponho que você, caro leitor, provavelmente, já ouviu esse conselho: “não importa a demora da colheita, se você plantar hoje, você poderá colher amanhã ou depois de amanhã, ou depois[...] ou depois[...]”. Aparentemente o mundo deveria apresentar uma característica que serviria de solo fértil para essa tradição: estabilidade. Ademais, esse mundo tradicional demonstrava haver um referencial fixo para que as pessoas pudessem seguir seu processo de vida.

No entanto, essa tradição, ao que tudo indica, foi quebrada. A disciplina de Projeto de Vida, assegurada pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) não está pensando em um mundo, sobretudo, do trabalho, com novas características. Essa análise se faz necessária porque na disciplina de Projeto de Vida há um enfoque grande na dimensão profissional do aluno. E é exatamente esse fator que chama a atenção nas aulas de Projeto de Vida: o enfoque maior na dimensão profissional do estudante.

Segundo a BNCC, o propósito das aulas de PV é desenvolver capacidades essenciais na aprendizagem integral dos alunos. Essas aprendizagens terão como consequência o desenvolvimento de competências e habilidades para que os indivíduos promovam o avanço em três dimensões: pessoal, social e profissional (BRASIL, 2017). São apresentadas na BNCC 10 competências gerais, uma dessas, a número 6 é:

Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas



ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade (BRASIL, 2017c, p. 9).

Dessa forma, é possível fazer o seguinte questionamento: a BNCC legitima a obrigatoriedade da disciplina Projeto de Vida, essa disciplina evidenciará a dimensão profissional do indivíduo, mas ela contempla um diálogo com as demandas sociais atuais ou ela está anacrônica?

## **METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)**

O procedimento metodológico usado neste trabalho foi a revisão bibliográfica. Esse método foi o mais adequado tendo em vista que existe uma vasta gama de literatura acerca da análise da nova BNCC; da localização da disciplina de Projeto de Vida no Novo Ensino Médio; da crítica a disciplina de Projeto de Vida; e do diagnóstico da sociedade contemporânea. Sendo assim, reuni essas temáticas para oferecer um caminho possível para a discussão. Fazer isso foi importante para desenvolver a perspectiva desse trabalho em torno do seguinte objetivo: compreender se a proposta da disciplina de Projeto de Vida contempla um diálogo com as demandas sociais atuais, principalmente no mundo do trabalho.

## **DESENVOLVIMENTO/REFERENCIAL TEÓRICO**

Meu avô, por exemplo, cresceu sob um contexto em que trabalhar em uma empresa na adolescência era quase um passaporte para se aposentar nela, esse elemento será, inclusive, investigado por Richard Sennett (2005). Portanto, este era o referencial do meu avô: estabilidade profissional. Sobre isso, o sociólogo polonês Zygmunt Bauman, ao recorrer ao pensamento do economista Cohen pondera:

O economista da Sorbonne Daniel Cohen resume: ‘Quem começa uma carreira na Microsoft não tem a mínima idéia de onde ela terminará. Quem começava na Ford ou na Renault podia estar quase certo de terminar no mesmo lugar.’ [...] Seja como for, a questão principal é que a comparação de Cohen capta sem erro o divisor de águas na história moderna do tempo e alude ao impacto que essa mudança começa a ter na condição da existência humana. A



mudança em questão é a nova irrelevância do espaço, disfarçada de aniquilação do tempo. No universo de software da viagem à velocidade da luz, o espaço pode ser atravessado, literalmente, em “tempo nenhum” cancela-se a diferença entre “longe” e “aqui”. O espaço não impõe mais limites à ação e seus efeitos, e conta pouco, ou nem conta. Perdeu seu “valor estratégico”, diriam os especialistas militares (BAUMAN, 2001, p. 123, 124).

Bauman, traz à tona, nessa citação, a percepção sobre essas mudanças tomando como referenciais as categorias espaço e tempo. Esses fatores seriam fundamentais para entender, dessa forma, como Bauman analisa a perspectiva de carreira do meu avô em comparação com a minha, por exemplo. Portanto, o projeto profissional do meu avô era se aposentar na empresa em que ele trabalhava desde a sua juventude enquanto que eu, por exemplo, não tenho certeza se no final do ano de 2023 estarei no meu emprego.

Sobre isso, Bauman lembrou de uma palestra de Jean Paul Sartre em que o filósofo perguntava qual era o Projeto de Vida das pessoas. Vale evidenciar que o Projeto de Vida em Sartre tem um significado diferente da proposta da disciplina implementada pelo ICE e defendida pela nova BNCC. Para Sartre precisamos de algo para direcionar nossa existência, por isso escolhemos, daí nasce a noção de engajamento. A própria lógica da palavra projeto carrega essa perspectiva (SARTRE, 1997). Enquanto que a disciplina Projeto de Vida, aparentemente, carrega uma noção de garantia de sucesso profissional a depender do planejamento do estudante.

Dessa maneira, Bauman traz à tona que hoje, provavelmente, é muito distante de todos nós falarmos em Projeto de Vida, tomando Sartre como referência, porque o indivíduo não está fixo em um lugar, a geração mais recente não imagina entrar em uma empresa e permanecer nela até se aposentar, constituir o mesmo endereço durante toda a vida e a mesma família. Nesse sentido, é lícito o que o sociólogo polonês traz à tona sobre Projeto de Vida em Sartre, pois a semelhança com a disciplina assegurada pela BNCC se dá na seguinte questão: ambos falam em objetivos a longo prazo. Nessa perspectiva, falar de Projeto de Vida tanto na proposta em Sartre quanto à disciplina defendida na BNCC é muito difícil, pois os jovens não pensam mais em um plano permanente e nem vitalício. Conforme Bauman pondera em entrevista ao canal Fronteiras do pensamento:

Quando eu era jovem, isto é, séculos atrás, ficamos impressionados com Jean Paul Sartre, que nos disse que precisávamos criar o “projet de la vie”. Temos que selecionar um projeto de vida, temos que prosseguir passo a passo, de forma consistente, ano após ano, chegando cada vez mais próximo desse ideal. Agora, conte isso aos jovens de hoje e eles rirão de você. Nós temos grandes dificuldades em adivinhar o que vai acontecer conosco no ano que vem. O



projeto de vida, de uma vida inteira, é algo difícil de acreditar (ZYGUMT Bauman- Fronteiras do Pensamento, 2011).

Portanto, plantar agora para colher em um futuro distante é uma característica que pertencia ao mundo em que o meu avô viveu. Já meu pai, ainda que tenha sido educado também para isso, no ambiente de trabalho ele foi estimulado a noção de urgência. Mas eu pertencço a uma geração que não suporta a noção de colher em um futuro distante. É provável que na tradição do meu avô, por exemplo, palavras como: durabilidade, estabilidade, fidelidade, ou até projetos a longo prazo fizessem mais sentido. Entretanto, hoje, suspeito, caro leitor, a partir das grandes discussões sociológicas, que o mundo já não possui as mesmas características, principalmente, se levarmos em consideração o mundo do trabalho no novo capitalismo (SENNETT, 2005).

O sociólogo norte americano Richard Sennett no livro A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo (2005) nos brinda com dois personagens que servem de exemplos práticos dessas mudanças em questão: Enrico (pai) e Rico (filho). De maneira geral, o pai (Enrico) trabalhava em um emprego simples mas que ele tinha certeza da estabilidade do seu trabalho. Enrico sabia que só sairia daquele emprego quando fosse se aposentar. O que motivava esse personagem era manter sua família, fazer uma poupança pensando no futuro, e que seus filhos tivessem um futuro melhor e diferente da realidade dele. É possível dizer que esse era o projeto de vida, baseado em Sartre, de Enrico. Entretanto, quando analisamos que o filho, Rico, consegue se formar, ter dinheiro, mas não tem estabilidade, mudando até a noção de emprego para projeto profissional (SENNETT, 2005), observamos que essa instabilidade e a flexibilidade no setor profissional influencia, inclusive, a dimensão familiar do Rico, trazendo consequências pessoais e de caráter bastante problemáticas. Portanto, o filho de Enrico, pertence a uma sociedade com novas características. Dessa forma, eu consigo observar na teoria de Sennett, alguns elementos da sociedade que facilitam a análise desse sociólogo. Essa análise busca entender, por exemplo, o mundo em que meu avô pertencia e o mundo ao qual meu pai e, principalmente, eu pertencço.

Por conseguinte, é possível ressaltar que a noção de carreira pressupõe um projeto de vida a longo prazo, pressupõe uma estabilidade que a própria dinâmica da vida em sociedade contemporânea, provavelmente, não mais permite. Com base no diagnóstico de Sennett (2005), não há projetos a longo prazo no novo Capitalismo. Fidelidade nas instituições? É uma impossibilidade. Se antes as pessoas tinham o costume de ter um longo tempo de duração dentro das instituições, hoje, mudar de emprego e ser flexível diante disso é uma regra



poderosa. Essa flexibilidade no vínculo com as instituições, segundo Sennett, provoca uma crise nos valores pessoais. Como ser fiel à minha empresa se eu não tenho certeza se ela é fiel a mim e a dinâmica no mundo do trabalho é cada vez mais flexível? Essa pergunta é investigada pelo Sennett. Conforme o sociólogo norte americano traz a reflexão:

Como decidimos o que tem valor duradouro em nós numa sociedade impaciente, que se concentra no momento imediato? Como se podem buscar metas de longo prazo numa economia dedicada ao curto prazo? Como se podem manter lealdades e compromissos mútuos em instituições que vivem se desfazendo ou sendo continuamente reprojatadas? Estas as questões sobre o caráter impostas pelo novo capitalismo flexível (SENNETT, 2005, p. 10,11).

Dessa maneira, Sennett, faz diagnósticos profundos sobre o trabalho no novo Capitalismo. Por isso, faço questão de voltar para os exemplos de família pois considero isso um esforço de adaptar as teorias a uma vivência ainda mais processual e complexa, fazer isso é exercitar a imaginação sociológica (MILLS, 1969) pois os problemas idiossincráticos tem relações diretas com os problemas sociais: meu pai, quando passou pelo processo de escolarização, além de ser superlotado de informações, foi estimulado a fazer um curso de datilografia, a mexer com retroprojeter e a utilizar o mimeógrafo. Essas ferramentas seriam fundamentais, segundo os seus professores, pois estavam associadas com o que havia de mais moderno e seriam competências indispensáveis para se inserir e crescer no mercado de trabalho. Datilografar era tendência. Minha mãe também conta que esse curso “era a sensação da época[...] para arranjar um bom trabalho exigia diploma de datilografia[...] quem sabia datilografar se achava[...] eu tenho, até hoje, o mantra A, S, D, F, G, Ç, L, K, J, H”.

Entretanto, meu pai, minha mãe, ainda que tenham sido formados para aquele mundo, hoje, eles possuem aptidões inúteis. O mundo no qual meu avô cresceu é mais próximo do meu pai, do que o mundo do meu pai em relação ao meu. Houve, dessa forma, mudanças estruturais. Por isso Bauman alerta em entrevista a Porcheddu: “Presume-se que as coisas e as relações são úteis apenas por um “tempo fixo” e são reduzidas a farrapos ou eliminadas uma vez que se tornam inúteis” (PORCHEDDU, 2009, p. 663). Dito isso de outra forma: fazer um curso específico na suposição de que ele me proporcionará uma aptidão que levarei para o resto da vida é uma característica que pertenceu ao meu avô e meu pai chegou a ser instruído sobre isso. Entretanto, esses referenciais fixos não existem mais.

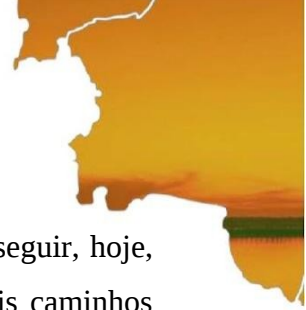
Parece-me, portanto, que as noções sobre estabilidade, fidelidade, projetos a longo prazo, ou até cursos para se preparar para o futuro, trazendo à tona a ressignificação do professor Marshall Berman, se desmancharam no ar (Marx apud Berman, 1998). Se meu pai



foi criado para um mundo onde haveria alguns referenciais sobre qual caminho seguir, hoje, esses referenciais se multiplicaram tanto ao ponto de não saber mais sobre quais caminhos seguir. A certeza de que o curso de datilografia seria fundamental na época dele, hoje, aparentemente, foi substituída pela incerteza. Essa incerteza acontece pois não dispomos de nada, ao que tudo indica, que nos assegure o que e como reunir competências para o futuro. Anteriormente a Bauman, Karl Marx (1818-1883) já havia anunciado, quando ele tinha cerca de trinta anos de idade, em um pequeno texto fundamental para o século 19 feito em parceria com seu colega Engels (1820-1895), O Manifesto do partido comunista (1998), que tudo aquilo que seria sólido desmancharia no ar (MARX, 1998). Isso aconteceu porque o Capitalismo estava em um processo de transformação tão rápido que, aparentemente, tudo estava se desmanchando, inclusive, valores. Agora, imagine, caro leitor, se o jovem Marx conhecesse as nossas novas tecnologias e a informática[...] imagine se ele tivesse acesso à revolução que nós estamos experimentando hoje[...] Revolução essa que a transformação tecnológica não é mais de geração em geração, mas sim, ano a ano.

Essa falta de disposição sobre que caminhos seguir marca aquilo que pode ser representado através de uma frase do sociólogo francês Baudrillard: “A revolução contemporânea é a da incerteza” (BAUDRILLARD, 1990, p. 49). É provável que a incerteza sobre as questões relacionadas ao futuro tenha sido intensificada ultimamente. Isso aconteceu não por falta de previsão de futuro, que segundo o historiador Yuval Harari esse mecanismo não é preciso, mas por falta de referenciais (HARARI, 2018). Harari vai diagnosticar que as incertezas são tão grandes que é a primeira vez que a geração atual não sabe como educar a geração futura (HARARI, 2018). As mudanças são tão estruturais, para o historiador, que a geração atual não sabe o que fazer e nem como fazer para escolarizar.

Todavia, os anúncios sobre essas mudanças são apontadas por alguns sociólogos há algum tempo, como por exemplo: Anthony Giddens (1990); Ulrich Beck (1999) e o próprio Zygmunt Bauman (2001). Isto é, esses pensadores trabalharam com a perspectiva de que, apesar das características da modernidade ainda fazerem parte do mundo atual, há elementos que comprovam que houve descontinuidades, há algumas rupturas que fazem com que tenhamos a oportunidade de repensarmos o mundo no qual estamos inseridos, atualmente. O sociólogo polonês, Bauman, inclusive, afirmou também em entrevista a Porcheddu que no Mundo Líquido contemporâneo: “A capacidade de durar bastante não é mais uma qualidade a favor das coisas” (PORCHEDDU, 2009, p. 663). O efêmero passou a ser a palavra de ordem da contemporaneidade. A instantaneidade exerce tanta influência nas relações humanas que ela dá até nome a um tipo de macarrão.





Entretanto, os sintomas não param por aí: se a instabilidade substituiu a estabilidade, se a incerteza substituiu o mundo das certezas. Por conseguinte, a multiplicidade de referenciais nos faz concluir que não sabemos bem para onde iremos. Estabilidade nas instituições? Carreira? Projeto a longo prazo? Isso não parece fazer tanto sentido atualmente.

O sinal mais tangível dessa mudança talvez seja o lema “não há longo prazo”. No trabalho, a carreira tradicional, que avança passo a passo pelos corredores de uma ou duas instituições, está fenecendo; e também a utilização de um único conjunto de qualificações no decorrer de uma vida de trabalho. Hoje, um jovem americano com pelo menos dois anos de faculdade pode esperar mudar de emprego pelo menos onze vezes no curso do trabalho, e trocar sua aptidão básica pelo menos outras três durante os quarenta anos de trabalho (SENNETT, 2005, p. 21,22).

Somando-se a isso, o que dizer do mundo VUCA (volatility, uncertainty, complexity, ambiguity)<sup>2</sup> ? O mundo no qual pertencemos, atualmente, é volátil, incerto, complexo e ambíguo, diz Jonathan Pestana sobre o mundo VUCA que: “[...] o mundo mais imprevisível e volátil, desafiando as nossas capacidades de resiliência e de sobrevivência, obrigando-nos a mudar e adaptar-nos perante à evidente incerteza e complexidade que nos rodeia” (PESTANA, 2020, p. 10). As mudanças são tão grandes que o teórico Jamais Cascio afirma que esse mundo VUCA, inclusive, já foi substituído. Vale trazer à tona que estamos em um universo diferente. Aparentemente, nem todo mundo se deu conta de todas as mudanças. O universo BANI (Brittle, Anxious, Nonlinear and Incomprehensible)<sup>3</sup>, provavelmente, ficou mais grave do que o Mundo VUCA. O futurista Jamais Cascio fala o seguinte sobre o mundo BANI: “Criei o BANI em parte como uma forma de esboçar um enquadramento para um mundo que foi além de ser apenas complexo e tornou-se totalmente caótico” (CASCIO, 2021, p. 96).

Por conta disso, suspeito que as aulas de Projeto de Vida ainda pensam em características do século passado, elas trabalham em cima de um modelo de mundo no qual meu avô pertencia. Inclusive, suspeito que a disciplina de Projeto de Vida sem o suporte dos elementos do ensino de Sociologia reforcem essas características ultrapassadas, pois o mundo mudou muito.

Sobre a inteligência artificial e a robótica influenciando as mudanças no mundo, temos

2 Tradução livre feita pelo autor: volátil; incerto; complexo e ambíguo.

3 Tradução livre feita pelo autor: frágil; ansioso; não linear e incompreensível.

uma pista para um possível diagnóstico: o professor Yuval Noah Harari no livro, 21 lições para o século 21 (2018) nos traz a reflexão que nesse mundo de constantes transformações, a inteligência artificial ou IA (HARARI, 2018) e a robótica estão começando substituir os humanos em algumas habilidades, não somente nas habilidades que exigem força física, pois isso já ocorrera com a revolução industrial, mas principalmente na cognitiva. Quanto mais entendermos os mecanismos bioquímicos (HARARI, 2018) que são responsáveis pelas sensibilidades, comportamentos, e emoções, conseqüentemente as máquinas terão melhores desempenhos nas análises, avaliações em áreas diversas, inclusive, com profissionais de finanças. A automação das profissões é um destino que precisa ser analisado. Diz Harari que:

Em especial, a IA pode ser melhor em tarefas que demandam intuições sobre outras pessoas. Muitas modalidades de trabalho — como dirigir um veículo numa rua cheia de pedestres, emprestar dinheiro a estranhos e negociar um acordo — requerem a capacidade de avaliar corretamente as emoções e os desejos de outra pessoa. Será que aquele garoto vai correr para a estrada? Será que o homem de terno pretende pegar meu dinheiro e sumir? Será que aquele advogado vai cumprir suas ameaças ou só está blefando? Quando se pensava que essas emoções e esses desejos eram gerados por um espírito imaterial, parecia óbvio que os computadores nunca seriam capazes de substituir motoristas, banqueiros e advogados humanos. Pois como poderia um computador compreender o divinamente criado espírito humano? Mas, se essas emoções e esses desejos na realidade não são mais do que algoritmos bioquímicos, não há razão para os computadores não decifrares esses algoritmos — e até certo ponto, melhor do que qualquer Homo sapiens (HARARI, 2018, p, 29, 30).

Harari está afirmando que apesar dos humanos serem especializados em uma determinada função, é natural que eles não sejam perfeitos em tudo o que se dispõe a fazer, até mesmo os especialistas erram. Contudo, uma máquina devidamente programada é bem mais precisa e confiável do que os humanos, principalmente em tarefas que necessite de análises, repetições, diminuição de riscos, entre outras. “O que os neurocientistas estão aprendendo hoje sobre a amígdala e o cerebelo pode permitir que computadores superem psiquiatras e guarda-costas humanos em 2050” (HARARI, 2018, p,30). Essa ideia de Harari, concentra-se na capacidade que a rede possui de ser integrada, ou seja, os carros auto dirigidos têm menos chances de colidir e mais chance de respeitar as regras de trânsito porque funcionam sob o mesmo algoritmo, sem falar que caso as leis de trânsitos sejam modificadas, a atualização dos veículos auto dirigidos é instantânea, dessa forma, os médicos de

inteligência artificial ou os médicos IA procederiam da mesma maneira, beneficiando mais pessoas e cometendo menos erros. Harari afirma que:

IA em medicina poderia prover serviços de saúde muito melhores e mais baratos a bilhões de pessoas, especialmente para as que hoje não têm acesso algum a esses serviços. Graças a algoritmos de aprendizagem e sensores biométricos, um aldeão pobre num país subdesenvolvido poderia usufruir de uma assistência médica muito melhor usando seu smartphone do que a pessoa mais rica do mundo obtém hoje em dia no mais avançado dos hospitais urbanos. Da mesma forma, veículos autodirigidos poderiam oferecer às pessoas serviços de transporte muito melhores e reduzir a taxa de mortalidade por acidentes de trânsito. Hoje, cerca de 1,25 milhão de pessoas morrem todo ano em acidentes de trânsito (o dobro das mortes causadas por guerra, crime e terrorismo somadas) (HARARI, 2018, p, 32).

Dessa forma, tarefas e atividades mais padronizadas serão mais fáceis de serem automatizadas, enquanto que tarefas menos padronizadas serão mais difíceis, pois exigem “o uso simultâneo de uma ampla variedade de habilidades, e que envolvam lidar com cenários imprevisíveis” (HARARI, 2018, p, 32, 33). Todavia, não escaparão de terem o auxílio de inteligências artificiais. Uma enfermeira, segundo Harari, necessita de mais habilidades do que um clínico geral que só analisa e diagnostica. Um clínico será automatizado, enquanto que as habilidades da enfermeira vão além do diagnóstico, pois é necessário: “boas habilidades motoras e emocionais para ministrar uma injeção dolorosa, trocar um curativo ou conter um paciente violento” (HARARI, 2018, p, 33). Portanto, existe, inclusive, um cuidado, certo capricho, habilidades que vão além do automático. Aproveitando essa deixa, é possível afirmar que as profissões que possam ir além do diagnóstico, além de análises, e que necessitem de habilidades mais complexas e emocionais, poderão trabalhar em parceria com a inteligência artificial e a robótica, mas não serão automatizadas instantaneamente.

Por causa disso, vale mais um exemplo, sou mestrando em Antropologia, estudo no Centro de Filosofia e Ciências Humanas – CFCH da Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, para ter acesso ao meu departamento que fica no décimo segundo andar desse prédio, necessito de elevador. Nesse meio de transporte haviam ascensoristas para apertar os botões dos andares e tirar algumas dúvidas sobre que andar pode resolver determinadas coisas. No final do ano de 2019 os ascensoristas foram demitidos, fiquei particularmente triste, pois existia muita simpatia na relação deles para conosco. Aqueles ascensoristas eram pessoas, inclusive, que necessitavam daqueles empregos. Contudo, não havia um argumento da minha parte que pudesse justificar a permanência utilitarista e ser contrária às demissões desses

profissionais. Essas atividades podem ser substituídas por tecnologias e já estão sendo automatizadas. Logo, em curto prazo de tempo, ao que tudo indica, não haverá mais ascensoristas.

Segundo o professor Harari, um dos grandes desafios do futuro é educar crianças para serem flexíveis e aprenderem a reinventar-se, inovar-se em um mundo que se transforma o tempo todo. O que faremos com esses ascensoristas? O professor israelense não dá uma resposta para essa pergunta, mas afirma que precisamos proteger os humanos e não os empregos dos humanos. Mas verdade seja dita, muitas profissões desaparecerão. A única afirmação que posso fazer sobre o futuro não é minha, mas do professor Karnal: “Não temos a menor ideia de qual carreira será brilhante em 2046, mas todas necessitarão de criatividade e inteligência.” (KARNAL, 2017, p, 37). Por isso, com base no professor Harari e no Karnal, é possível questionar: como as profissões do futuro ficarão ? Quais irão desaparecer? Não há, ao que tudo indica, uma resposta objetiva para esses questionamentos. Mas podemos afirmar sobre a rapidez das transformações do mundo contemporâneo. Por isso, o pedagogo mineiro Antônio Carlos Gomes da Costa diz que a velocidade em que o mundo está mudando é “[...] sem precedentes na evolução histórica da humanidade. Alguns dinamismos, algumas forças estruturadoras de uma nova ordem mundial estão agindo em escala planetária e o resultado disto tem sido realmente fazer com que, de repente, “tudo que é sólido se desmanche no ar” (COSTA, 2001, p.27).

Dessa forma, se para responder esses questionamentos sobre as mudanças no mundo é necessário cautela nas reflexões; da mesma maneira, para falar sobre a disciplina de Projeto de Vida é fundamental paciência nas análises. O professor Mário Sérgio Cortella traz à tona que: “A palavra “projeto” significa jogar adiante. É aquilo que eu jogo adiante e vou buscar” (CORTELLA, 2018, p. 30). Acredito que Cortella esteja trazendo para reflexão que a ideia de projeto esteja ligada ao futuro, a algo que poderá vir a acontecer. Isto é, preciso me preparar para algo que ainda não aconteceu, mas futuramente acontecerá.

Dessa maneira, se torna fundamental adentrar no processo de escolarização por entender que a escola dialoga com as demandas do mundo no qual ela está introduzida (CORTELLA, 2014). Por isso, quando nos inserimos na lógica de tentar compreender a nova reforma do Ensino Médio que é baseada na nova BNCC, e chegamos a conclusão que as aulas de Projeto de Vida são componentes do novo Ensino Médio, é fundamental o questionamento: as aulas de Projeto de Vida foram pensadas levando em consideração as constantes mudanças do mundo em que a escola está inserida ou ela está presa em características do mundo

passado? Essas constantes mudanças não podem ser elementos analíticos oferecidos através das aulas de Sociologia e por isso o ensino de Sociologia poderia ajudar as aulas de Projeto de Vida?

A partir desses questionamentos, podemos apontar caminhos sobre de que maneira as aulas de uma área do conhecimento tão dedicada a fazer diagnósticos a respeito das transformações sociais como a Sociologia poderá nos ajudar no entendimento do que fazer com a disciplina de Projeto de Vida e como situá-las à luz desse novo contexto social em que a escola está inserida. Vale ressaltar que a Sociologia não só pode situar e ajudar a entender o contexto social para as aulas de Projeto de Vida, como também ela pode auxiliar a elaborar perguntas preciosas, como veremos a seguir:

Será que o jovem que entrará no Ensino Médio no ano de 2022 conseguirá determinar fatores que ele vivenciará aos 40 anos de idade? Projeto de Vida é previsão de futuro? Como compreender as mudanças sociais aceleradas? Quais habilidades e competências são importantes aprender para atuar em um futuro incerto? Quais valores pretendo conservar para o futuro? Investir em conhecimento ainda é fundamental? Ainda faz sentido fazer faculdade? Portanto, entendo que as aulas de PV apoiadas em elementos do ensino de Sociologia podem estimular esses questionamentos.

No início da minha graduação eu não poderia imaginar que estaria escrevendo um TCC sobre o tema: Projeto de Vida e nem como o ensino de Sociologia poderia ajudar nessas aulas. Na verdade, o tema do meu TCC seria completamente outro. Portanto, existe o acaso. Tudo parece mudar o tempo todo. Querer que algo tenha finalidade não aparenta resgatar uma noção teleológica? Teleologia, ao que me recordo, é um termo problemático, pois se considera que tudo tem uma finalidade. Isto é, o que me acontece aos 25 anos determinará como estarei aos 70 anos. E isso é cientificamente pouco provável de acontecer.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, voltemos a Zygmunt Bauman, estimado leitor, que entre outros falaram sobre o nosso mundo efêmero, onde as coisas não foram feitas para durar. Harari, historiador, aponta que o mundo das profissões está cada vez mais incerto, diz o professor israelense que daqui há 20 anos surgirão novas profissões e desaparecerão outras (HARARI, 2018). Portanto, a disciplina de Projeto de Vida, nas escolas, terá como objetivo ajudar nas escolhas

de profissões que ainda não existem ou prepará-los para profissões que não terão espaço no futuro? O Projeto de Vida se resume a se preparar para o mercado de trabalho?

Sobre as aulas de Projeto de Vida estimular os alunos a fazerem cursos que podem não ter espaço no mercado de trabalho, enxergo uma situação semelhante à que viveu a minha tia: “fiz curso de datilografia e logo em seguida fiz um outro de digitação como complemento. Fui selecionada para trabalhar no banco do Bradesco, chegando lá não havia datilografia, pois os computadores estavam ganhando espaço[...] tive que fazer outro curso[...] Fui preparada para manusear uma máquina, chegando no trabalho, ela foi substituída por outra[...] deu uma raiva[...]”.

Dessa forma, a contextualização da sociedade na qual PV está inserida, a partir da perspectiva sociológica, foi necessária para evitar pensar em um mundo com características que ele já não possui mais. Uma disciplina descontextualizada e desarticulada com o mundo para a qual deveria servir trará resultados inconsistentes e puramente baseados numa sociedade de mercado. Assim, a complexificação de PV é pertinente para que ela não incorra no erro de ser tão somente acessório para produção de mão de obra com baixa qualificação, além de desconsiderar a formação cidadã, prevista na Lei de Diretrizes e Bases de 1996. Ademais, sem a reflexão sociológica necessária, PV pode incorrer na superficialidade de supervalorizar o indivíduo em detrimento da estrutura e reduzir o Projeto de Vida à escolha profissional. Depois de apresentar os elementos que a ciência de referência Sociologia tem a contribuir para a contextualização e compreensão de mundo, apresento indicadores de como a disciplina escolar Sociologia pode também estreitar laços com PV e trazer a dimensão da formação cidadã e crítica.

Entretanto, ainda que esse diagnóstico baste para fazer uma análise crítica sobre o tema, existem alguns elementos que vão indicar que mesmo que as aulas de Projeto de Vida sirvam ao modelo capitalista, isso para liberais não é um problema, com base em Zigmunt Bauman (2001) Richard Sennett (2005) e Yuval Noah Harari (2018), na maneira como essas aulas foram orientadas e desenhadas pelo ICE e demais instituições parceiras até serem adotadas pela BNCC, às características das aulas de Projeto de Vida estão ultrapassadas e não dialogam com as demandas do novo capitalismo. Exemplo disso: um jovem pensar, hoje, em um planejamento a longo prazo, dentro disso a profissão que ele deseja e a estabilidade que ela trará, não tem validade no mundo contemporâneo,

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BAUDRILLARD, J. **A transparência do mal**: ensaio sobre fenômenos extremos. Campinas: Papyrus, 1990.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 2001.

BECK, U. **O que é globalização?** Equívocos do globalismo, respostas à globalização. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518-versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf). Acesso em 31 dez. 2020.

CASCIO, J. A educação em um mundo cada vez mais caótico. **Boletim Técnico do Senac**, v. 47, n. 1, p. 101-105, 14 set. 2021.

CORTELLA, M. S. **Educação, escola e docência**: novos tempos, novas atitudes. São Paulo: Cortez, 2014.

CORTELLA, M. S.; MANDELLI, P. **Vida e carreira**: Um equilíbrio possível? Papyrus Editora, 2015.

COSTA, A. G. **O professor como educador**: um resgate necessário e urgente. Salvador: Fundação Luís Eduardo Magalhães, 2001.

HARARI, Y. **21 Lições para o Século XXI**. Amadora: Elsinorte, 2018.

KARNAL, L. **Diálogo de culturas** / Leandro Karnal. – São Paulo : Contexto, 2017.

MACHADO, S. Artigo VUCA. **Skills, Tools & Competencies**, Fundação Dom Cabral. Disponível em: <<http://www.fdc.org.br/hotsites/mail/stc/artigo/artigo.pdf>> Acesso em: 23 jul. 2021.

MARX, K; ENGELS, f. **O manifesto comunista**. 150 anos depois. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998.

MILLS, W. **A Imaginação Sociológica**. Rio de Janeiro, Zahar, 1969.

PESTANA, J. **Cultura Organizacional e Competências do Século XXI no Mundo VUCA**, 2020. 121 p. Tese (Mestrado em Gestão de Recursos Humanos) - Universidade Europeia, Lisboa, 2020.

PORCHEDDU, A. Zygmunt Bauman: entrevista sobre a educação. Desafios pedagógicos e modernidade líquida. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 39, n. 137, p. 661-684, maio/ago. 2009.

# 8<sup>o</sup> ENESEB

SARTRE, J-P. **O ser e o nada**: ensaio de ontologia fenomenológica. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

SENNETT, R. **A corrosão do caráter**: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 2005.

ZYGMUNT Bauman - **Fronteiras do Pensamento**. Produção: Telos Cultural. Fotografia de Mango Films. Youtube: **Fronteiras do Pensamento**, 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=POZcBNo-D4A>. Acesso em: 20 out. 2021.

